

INTERDISCIPLINARIDADE E CRIATIVIDADE: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO NO PIBID E NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

Diego Israel da Silva ¹
Yasmin Silva Ferreira ²
Lidiane Evangelista Lira ³

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao Subprojeto de Alfabetização da Universidade de Pernambuco – Campus Garanhuns. O estudo teve como objetivo relatar as práticas pedagógicas realizadas em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, com ênfase na integração entre Língua Portuguesa e Matemática. As intervenções foram planejadas a partir de observações sistemáticas e fundamentadas em uma abordagem qualitativa, com caráter descritivo e participativo. A proposta metodológica buscou promover aprendizagens significativas por meio da interdisciplinaridade, valorizando os saberes prévios dos alunos e articulando teoria e prática na construção do conhecimento. As atividades, denominadas “Mercadinho da Sala” e “Frases embaralhadas e resolução de problemas”, foram elaboradas com base em situações do cotidiano e tiveram como propósito estimular o letramento, o raciocínio lógico, a autonomia e a criatividade dos estudantes. Os resultados evidenciaram avanços na leitura, escrita e interpretação textual, bem como na capacidade de cálculo e resolução de problemas, revelando que práticas contextualizadas favorecem o engajamento e o protagonismo discente. A experiência demonstrou ainda que o trabalho interdisciplinar fortalece o vínculo entre os conteúdos escolares e a realidade dos alunos, tornando o processo educativo mais significativo. Conclui-se que o PIBID contribui de forma efetiva para a formação inicial docente, possibilitando aos licenciandos vivenciar a prática pedagógica de modo reflexivo e crítico, e reafirmando a importância de uma docência comprometida com a transformação social e com a construção de aprendizagens que unem sensibilidade, conhecimento e ação.

Palavras-chave: Alfabetização, Interdisciplinaridade, Formação Docente.

INTRODUÇÃO

A formação docente é uma etapa essencial para a construção de práticas educativas conscientes, críticas e comprometidas com a transformação social. Esse caminho formativo ultrapassa a simples aquisição de conhecimentos teóricos, incorporando a vivência prática, a

¹ Graduando do Curso de **Pedagogia** da Universidade de Pernambuco - UPE, diego.isilva@upe.br;

² Graduanda do Curso de **Pedagogia** da Universidade de Pernambuco - UPE, yasmin.silvaferreira@upe.br;

³ Professor orientador: Professora Adjunta do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade de Pernambuco (UPE), campus Garanhuns e Coordenadora de área do Subprojeto Núcleo Alfabetização no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), lidiane.lira@upe.br;



reflexão contínua sobre o fazer pedagógico e o desenvolvimento de uma postura ética e sensível às realidades escolares. Segundo Tardif (2014), a formação do professor deve articular saberes teóricos e práticos para garantir uma atuação eficaz e socialmente comprometida. Em um cenário educacional atravessado por desafios complexos, formar professores capazes de atuar com criatividade, reflexão e competência é indispensável para assegurar uma educação de qualidade, equitativa e significativa para todos os estudantes.

Nesse contexto, ganha destaque a importância de programas que promovam a articulação entre teoria e prática na formação inicial, proporcionando aos licenciandos experiências concretas no ambiente escolar. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) representa um exemplo significativo dessa proposta, ao inserir os estudantes de licenciatura na realidade das escolas públicas desde os primeiros períodos da graduação. Ao vivenciar o cotidiano escolar, os futuros professores têm a oportunidade de compreender os desafios da docência, refletir criticamente sobre suas práticas e desenvolver intervenções pedagógicas alinhadas às necessidades reais dos alunos.

Como parte das ações do PIBID, foram realizadas observações sistemáticas em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, com o intuito de conhecer o perfil dos estudantes, suas principais dificuldades de aprendizagem e as dinâmicas pedagógicas já existentes na sala de aula. A partir dessas observações, identificou-se que os alunos demonstravam maior facilidade com os conteúdos de Matemática, enquanto apresentavam dificuldades em aspectos da Língua Portuguesa, como interpretação textual e uso adequado da pontuação. Essa realidade evidenciou a necessidade de intervenções que considerassem as especificidades dos estudantes, reforçando a importância de ações pedagógicas contextualizadas e interdisciplinares. Nesse sentido, Ausubel (2003) defende a aprendizagem significativa como um processo de conexão entre novos conhecimentos e os saberes prévios dos alunos.

A partir desse diagnóstico, foi planejada uma intervenção com foco na interdisciplinaridade entre Língua Portuguesa e Matemática, buscando integrar uma área de maior domínio dos alunos com outra que exigia mais atenção e desenvolvimento. O objetivo foi utilizar a familiaridade com os conteúdos matemáticos como ponte para fortalecer as habilidades de leitura, escrita e interpretação.

Com essa proposta, buscou-se promover uma aprendizagem significativa, partindo dos saberes consolidados em Matemática para construir novas compreensões no campo da

linguagem. Essa abordagem valorizou os conhecimentos prévios e as vivências dos estudantes como base para o desenvolvimento de competências linguísticas, respeitando seus ritmos e contextos. Dessa forma, a prática pedagógica tornou-se mais conectada com a realidade da turma, favorecendo o engajamento, a autonomia e o aprofundamento do processo de ensino-aprendizagem.

METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como um relato de experiência com abordagem qualitativa e natureza descritiva, fundamentado nas ações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), Subprojeto de Alfabetização da Universidade de Pernambuco (UPE), Campus Garanhuns. As atividades foram realizadas na Escola Municipal Professor Mário Matos, em Garanhuns-PE, com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental composta por 28 alunos.

As intervenções foram planejadas após observações sistemáticas semanais, com o objetivo de compreender a dinâmica da sala de aula, identificar as principais dificuldades de aprendizagem e traçar o perfil dos estudantes. Constatou-se que os alunos apresentavam maior familiaridade com os conteúdos de Matemática, enquanto enfrentavam dificuldades em aspectos da Língua Portuguesa, especialmente na leitura, interpretação textual e uso adequado da pontuação.

Com base nesse diagnóstico, foram propostas atividades interdisciplinares que integrassem Língua Portuguesa e Matemática, valorizando saberes já consolidados e articulando o conhecimento escolar às vivências cotidianas. Essa relação entre o que se aprende na escola e fora dela fundamenta-se na concepção de letramento discutida por Soares (2004), que afirma: “letramento é o estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 2004, p. 47). Assim, buscou-se aproximar os conteúdos escolares das práticas significativas dos alunos, tornando o aprendizado mais contextualizado e relevante.

O planejamento das ações foi realizado de forma colaborativa entre os bolsistas e a professora supervisora, com base nos objetivos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nos princípios de Ausubel (2003) e Vygotsky (1991), que destacam, respectivamente, a importância dos conhecimentos prévios e da interação social na aprendizagem. As atividades,

construídas a partir das vivências dos alunos, favoreceram a troca, a colaboração e a reflexão crítica.

Metodologicamente, o trabalho caracteriza-se como pesquisa-ação e pesquisa participante, pois envolveu planejamento, intervenção e reflexão coletiva, com atuação direta no contexto escolar e escuta ativa dos sujeitos. As intervenções, inspiradas em situações do cotidiano, como experiências em feiras e supermercados, aproximaram os conteúdos escolares da realidade dos estudantes, promovendo aprendizagens significativas e fortalecendo o vínculo entre conhecimento e vida cotidiana.

As ações ocorreram ao longo de duas intervenções, realizadas em dias distintos, durante o horário regular das aulas no turno da tarde. Os registros foram produzidos por meio de anotações em diário de campo, conversas reflexivas entre os bolsistas e a professora supervisora, além do acompanhamento direto da participação dos estudantes durante as atividades. Todo o processo foi orientado pelo compromisso com a aprendizagem significativa, considerando os saberes prévios, experiências e contextos socioculturais dos alunos, bem como a construção coletiva do conhecimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Discutir a formação docente implica compreender o ensino como prática histórica, social e epistemológica que vai além da transmissão de conteúdos. Segundo Tardif (2014), os saberes que fundamentam a docência são múltiplos e resultam da articulação entre a formação acadêmica, a experiência profissional e os contextos nos quais os professores atuam. Assim, formar educadores implica garantir espaços de aprendizagem que promovam a autonomia, a criticidade e a capacidade de compreender e intervir nas realidades escolares em toda a sua complexidade.

Sob essa ótica, políticas públicas que favorecem a imersão do licenciando nos espaços escolares assumem papel central no processo formativo. Ao participar ativamente do cotidiano pedagógico, o estudante deixa de observar a escola apenas como objeto de estudo, passando a integrar sua dinâmica como sujeito do processo educativo. Tal experiência amplia sua compreensão sobre os desafios e potenciais da prática docente, contribuindo para a construção progressiva de saberes múltiplos, e, consequentemente, a construção de sua

identidade profissional. Essa vivência encontra respaldo no conceito de “reflexão na ação”, proposto por Schön (1992), que compreende a aprendizagem docente como um processo que se realiza no próprio fazer pedagógico, especialmente diante de situações reais e imprevisíveis.

No campo da alfabetização, Ferreiro e Teberosky (1989) transformaram a forma de compreender como as crianças aprendem a escrever, ao demonstrar que esse processo é ativo e construído por meio de hipóteses elaboradas pelas próprias crianças. A abordagem construtivista das autoras valoriza o erro como parte do processo de aprendizagem e reconhece o papel fundamental do professor como mediador atento às produções infantis, capaz de estimular reflexões e avanços a partir das hipóteses formuladas pelos alunos.

Complementando essa perspectiva, Soares (2016) propõe a articulação entre alfabetização e letramento, compreendendo que aprender a ler e escrever vai além do domínio técnico do código. Para ela, é essencial inserir a criança em práticas sociais que envolvam o uso real da linguagem escrita. Isso implica considerar os contextos culturais dos estudantes, promovendo uma alfabetização que dialogue com sua realidade e suas experiências. Nesse cenário, o educador precisa propor atividades contextualizadas, que desenvolvam a leitura e a escrita como ferramentas de participação social.

A pedagogia crítica de Freire (1996) fortalece esse entendimento ao conceber a alfabetização como um ato político, que deve partir da realidade do educando. Para o autor, educar é um ato dialógico, no qual o professor escuta e reconhece os saberes do estudante, fomentando uma aprendizagem libertadora. Freire defende que a escola deve estimular a leitura crítica do mundo, construindo com os alunos um processo de conhecimento baseado na problematização, na escuta e na transformação da realidade.

Nesse movimento, Ausubel (2003) destaca que a aprendizagem torna-se significativa quando o novo conteúdo é ancorado em conhecimentos já existentes na estrutura cognitiva do aluno. Cabe ao professor criar condições para que os saberes prévios sejam mobilizados e conectados a novos conceitos. Em acordo, Vygotsky (1991) aponta a importância da mediação social no processo de aprendizagem, por meio da zona de desenvolvimento proximal – espaço entre o que o aluno já é capaz de fazer sozinho e aquilo que pode alcançar com apoio e interação. A aprendizagem, nesta perspectiva, é social, dialógica e construída no encontro com o outro.

Nesse contexto, a interdisciplinaridade surge como estratégia pedagógica potente para integrar saberes e tornar a aprendizagem mais próxima da realidade dos estudantes. Segundo Moran (1999), a interdisciplinaridade contribui para uma visão mais ampla e conectada do conhecimento, rompendo com a fragmentação curricular. Fazenda (1994) reforça que essa abordagem permite a articulação entre diferentes áreas do saber, favorecendo a construção de habilidades cognitivas complexas e a formação de sujeitos críticos. No contexto do ensino fundamental, especialmente na alfabetização, a integração entre Língua Portuguesa e Matemática se revela eficaz para tornar o processo de aprendizagem mais significativo, na medida em que os alunos conseguem perceber a funcionalidade dos conteúdos e aplicá-los em situações reais de sua vivência cotidiana.

Sob essa perspectiva, o educador é convidado a planejar situações didáticas que articulem teoria e prática, respeitando os saberes dos alunos, suas experiências de vida e os contextos nos quais estão inseridos. A alfabetização, compreendida como prática social, e o raciocínio matemático, como instrumento para resolução de problemas do dia a dia, encontram na interdisciplinaridade um caminho fértil para tornar a sala de aula um espaço vivo de sentido, autoria e transformação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ações desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao subprojeto de Alfabetização da Universidade de Pernambuco – Campus Garanhuns, foram vivenciadas com uma turma de 28 alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professor Mário Matos, situada na cidade de Garanhuns – PE. Observou-se que alguns dos estudantes encontravam-se na hipótese alfabética da escrita, estágio no qual, a criança começa a compreender que as letras representam os sons da fala (Ferreiro, 1999), passando a relacionar grafemas e fonemas de forma mais sistemática, embora ainda de modo inicial e sujeito a erros comuns dessa fase.

Durante os encontros semanais, observações e conversas com a professora supervisora permitiram compreender melhor a dinâmica da turma, suas potencialidades e os desafios específicos no processo de ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere à leitura, escrita e pontuação. A partir desse contato direto com a realidade da sala de aula, constatou-se





a importância de propor atividades que dialogassem com a vivência cotidiana dos estudantes, tornando os conteúdos escolares mais significativos e conectados ao seu mundo.

Como bolsistas em formação, buscamos articular teoria e prática, planejando de forma colaborativa experiências pedagógicas alinhadas à BNCC e ao conteúdo do 2º bimestre da rede municipal. Mais do que ensinar, priorizamos a escuta sensível, a observação atenta e a valorização dos saberes dos alunos, tornando a aprendizagem significativa e próxima de sua realidade.

Assim, mais do que intervenções pontuais, as experiências aqui relatadas representaram um exercício de escuta sensível, criação coletiva e compromisso com uma educação significativa e conectada ao cotidiano dos estudantes. Cada proposta buscou ressignificar o espaço escolar como lugar de construção de sentido, onde o conteúdo ganha vida ao dialogar com as práticas sociais dos alunos. Ao mesmo tempo, essas vivências contribuíram para nosso amadurecimento enquanto docentes em formação, reforçando que educar é também envolver-se, observar com atenção e agir com intencionalidade. Trata-se, portanto, de uma prática pedagógica que se propõe a ensinar e aprender com o mundo e nele deixar marcas.

1ª Intervenção – “Mercadinho da Sala”: vivência de letramento e cálculo no cotidiano

A primeira intervenção teve como foco principal proporcionar aos alunos uma vivência prática e significativa de alfabetização e educação financeira. A proposta consistiu na simulação de um mercadinho em sala de aula, utilizando imagens de produtos, cédulas fictícias e uma tabela de preços, com o objetivo de integrar as habilidades de leitura, escrita e cálculo de maneira contextualizada e próxima à realidade dos estudantes.

A ideia da atividade surgiu após uma aula em que os alunos relataram, com entusiasmo, que gostavam de acompanhar os pais nas idas ao Atacadão para fazer as compras do mês. Essa escuta sensível inspirou a construção de uma proposta pedagógica que se aproximasse das vivências familiares dos estudantes e tornasse o conteúdo escolar mais concreto e envolvente.



A aula teve início com uma roda de conversa sobre experiências de compras e planejamento de gastos. Em seguida, os alunos observaram os produtos expostos, registraram os nomes, quantidades e preços em fichas e realizaram cálculos de adição e subtração para verificar o quanto poderiam gastar com o valor fictício recebido (R\$100, R\$150 ou R\$200), bem como o quanto sobraria após as compras. Essa etapa foi essencial para o desenvolvimento do raciocínio lógico e da autonomia no uso das quatro operações básicas, relacionando diretamente ao sistema monetário brasileiro.

Além da vivência matemática, os alunos também participaram da produção textual. A partir do título “Minhas compras no mercadinho da sala”, eles redigiram textos com início, meio e fim, relatando suas escolhas, valores gastos, troco e opiniões sobre a atividade. Como a maioria dos estudantes se encontrava na hipótese alfabética da escrita, fase em que a criança comprehende que a escrita representa a fala e começa a estabelecer relações mais claras entre fonemas e grafemas, a proposta permitiu que exercitem essa construção em um contexto significativo. Segundo Emília Ferreiro (1999), essa etapa é decisiva para a consolidação do sistema alfabético e deve ser estimulada com práticas sociais reais de leitura e escrita. Essa abordagem se alinha à concepção de letramento proposta por Magda Soares (2004), ao defender que aprender a ler e escrever deve estar articulado ao uso funcional da linguagem em contextos concretos de vida.

A proposta, ao articular leitura, escrita e cálculo em um contexto concreto e socialmente significativo, dialoga com concepções de alfabetização e letramento que reconhecem a criança como sujeito ativo na construção do conhecimento. O uso da linguagem escrita para resolver situações reais como registrar compras e organizar valores respeita o nível de desenvolvimento dos estudantes e dá sentido ao processo de aprendizagem, como defendem estudos da área. Com base nesse entendimento, a atividade de escrita funcionou como ampliação da experiência, favorecendo a consolidação do aprendizado.

Esse exercício de escrita, construído a partir de uma experiência concreta, contribuiu não apenas para o desenvolvimento da autonomia na produção textual, mas também para a valorização da autoria dos estudantes. Ao compreenderem que suas palavras tinham sentido e valor dentro daquele espaço, os alunos se envolveram com mais presença, estabelecendo relações mais significativas com a linguagem escrita. Essa valorização da produção individual

e do ato de escrever como forma de expressão pessoal cria condições para que o estudante se reconheça como sujeito do processo educativo.

Ao final da aula, alguns estudantes leram voluntariamente suas produções para a turma, promovendo momentos de escuta, valorização das ideias e fortalecimento da oralidade. Essa prática resgata a dimensão dialógica da educação proposta por Paulo Freire (1996), ao reconhecer a importância da expressão, da escuta ativa e da construção coletiva do conhecimento.

Essa intervenção demonstrou como o ensino pode ganhar sentido quando está enraizado no cotidiano dos alunos. Ao aliar práticas de letramento e numeramento em uma única proposta, foi possível observar o envolvimento ativo da turma, a ampliação do vocabulário, a prática da escrita funcional e o fortalecimento das habilidades matemáticas, aspectos fundamentais para uma aprendizagem significativa e humanizada.

2ª Intervenção – Frases embaralhadas e resolução de problemas matemáticos

A segunda intervenção também foi marcada pela integração entre Língua Portuguesa e Matemática, com o objetivo de desenvolver a leitura, a organização de ideias, a escrita e o raciocínio lógico. A atividade teve como proposta o uso de frases embaralhadas que representavam situações-problema. Organizados em grupos, os alunos precisavam reorganizar as frases, compreendê-las e, em seguida, resolver o problema matemático apresentado.

A aula iniciou com uma explicação do que seria proposto na atividade. Em seguida, os estudantes foram divididos em quatro grupos e receberam envelopes contendo as frases embaralhadas. Cada grupo trabalhou de forma colaborativa para reconstruir os enunciados, exercitando habilidades como leitura, interpretação, sintaxe e ortografia. Essa etapa valorizou a interação social como elemento central do processo de aprendizagem, em consonância com a perspectiva de Vygotsky (2001), que comprehende o desenvolvimento como um processo construído na relação com o outro.

Essa experiência coletiva de reconstrução das frases foi um momento muito rico de aprendizado. Durante a troca com os colegas, os alunos puderam conversar, compartilhar ideias, testar hipóteses e construir juntos novos sentidos para o texto. A linguagem, nesse momento, não foi só uma forma de se comunicar, mas também uma maneira de pensar, refletir e aprender. Tudo isso aconteceu por meio da relação entre os alunos, mostrando como

o aprendizado está ligado ao convívio e à interação social. Quando há espaço para escutar o outro, trocar experiências e colaborar, o processo de aprendizagem se torna mais significativo e efetivo.

Após a reorganização das frases, os alunos resolveram os problemas matemáticos de forma coletiva. Durante essa etapa, estratégias de cálculo foram discutidas entre os colegas, incentivando a argumentação, o pensamento crítico e o trabalho em equipe. A mediação entre os pares e o raciocínio coletivo fortaleceram o aprendizado por meio da troca de saberes, mostrando que o conhecimento pode ser construído socialmente, mesmo entre crianças em diferentes ritmos de aprendizagem.

Na segunda parte da intervenção, os alunos participaram de uma atividade escrita individual, com foco no uso adequado dos sinais de pontuação. O conteúdo já havia sido previamente trabalhado pela professora regente, o que permitiu retomar e aprofundar os conhecimentos de forma mais direcionada. Foram apresentados enunciados e perguntas relacionadas ao conteúdo abordado, incentivando os estudantes a aplicarem corretamente os sinais de pontuação ponto final, vírgula, ponto de interrogação e ponto de exclamação de acordo com as instruções dadas. Ao final, cada aluno produziu um pequeno texto autoral, aplicando de forma consciente os conhecimentos adquiridos. Essa proposta contribuiu para a consolidação da escrita, o estímulo à criatividade e a valorização da autonomia na produção textual, elementos centrais no processo de letramento, como aponta Soares (2004).

A realização da atividade em duas etapas, uma em grupo e outra individual, também buscou equilibrar a cooperação e a responsabilidade pessoal. O trabalho coletivo ampliou o repertório dos alunos e incentivou a escuta e o respeito às ideias dos colegas, enquanto a produção individual permitiu que cada estudante expressasse seu próprio raciocínio e sua criatividade. Como resultado, foi possível observar avanços no uso da linguagem escrita, na compreensão dos problemas e na argumentação durante a socialização das respostas.

Essa intervenção possibilitou o fortalecimento da compreensão leitora, da competência matemática e das habilidades de escrita, mostrando que a integração entre áreas do conhecimento enriquece o processo de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS





As experiências vividas no contexto do PIBID nos mostraram que ensinar é, antes de tudo, um gesto de escuta, criação e compromisso com a transformação. Ao propor atividades interdisciplinares inspiradas no cotidiano dos estudantes, aproximamos a escola da vida, tornando o processo de aprendizagem mais acessível, envolvente e cheio de sentido. A partir da observação das falas, dos gestos e das curiosidades da turma, conseguimos construir práticas alinhadas aos seus ritmos e potências, reconhecendo cada criança como sujeito ativo na própria trajetória de aprender.

Alfabetizar é mais do que ensinar a juntar letras, é oferecer à criança a possibilidade de escrever o mundo com as próprias mãos. Cada palavra produzida, cada cálculo realizado, cada enunciado reorganizado representa uma linha traçada na construção de um percurso único de aprendizagem. É nesse caminhar, feito de tentativas, mediações e descobertas, que a escola cumpre seu papel de formar sujeitos críticos, autônomos e sensíveis às realidades que os cercam.

A experiência vivenciada com a turma reforça a importância de compreender a alfabetização como um processo que ultrapassa o domínio mecânico da escrita, articulando práticas sociais, afetivas e cognitivas. As ações desenvolvidas mostraram que o letramento e o raciocínio matemático podem (e devem) caminhar juntos, dialogando com os contextos reais dos estudantes e ampliando suas possibilidades de leitura e atuação no mundo.

Por fim, reafirmamos o papel fundamental do PIBID como espaço de formação inicial que permite ao licenciando vivenciar, refletir e ressignificar sua prática pedagógica desde o início do curso. Ensinar na escola pública, com os pés fincados na realidade e os olhos voltados para a transformação, é um ato de coragem e compromisso. E é nessa travessia, entre a sala de aula e os sonhos dos estudantes, que a docência se realiza como prática viva de ensinar e aprender com o mundo, reinventando possibilidades e ajudando a escrever novos futuros em um gesto contínuo de esperança em forma de educação.

E assim caminhamos, entre teorias e práticas, ensino e aprendizagem, escuta e invenção. Cada intervenção realizada foi mais do que uma atividade planejada: foi um passo em direção a uma docência que se constrói no coletivo, no afeto e na presença. Ao lado dos estudantes, (re)descobrimos a beleza dos pequenos avanços, das perguntas simples e dos silêncios cheios de sentido. Essa caminhada não se encerra aqui, ela segue em cada sala de aula que ocupamos, em cada criança que nos ensina a ensinar e em cada gesto que reafirma a





educação como caminho possível para transformar o mundo com cuidado, coragem e criatividade.

REFERÊNCIAS

- AUSUBEL, D. P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. 6. ed. Rio de Janeiro: **Interamericana**, 2003.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 28 de abr. 2025.
- FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e prática. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana.. **Psicogênese da língua escrita**. 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- MORAN, J. M. **Interdisciplinaridade**. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- PREFEITURA DE GARANHUNS. **Plano de Ensino 2º Bimestre – 4º ano**. Disponível em: <https://vidaescolar.garanhuns.pe.gov.br>. Acesso em: 28 de abr. 2025.
- SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**: caminhos e descaminhos. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- SCHÖN, D. A. **O profissional refletor**: como os profissionais pensam na ação. São Paulo: Cortez, 1992.